

CORPO-SUJEITO-DISCURSO: REFLEXÕES INICIAIS

Aline Bedin Jordão¹

Resumo:

O presente artigo, inscrito nos pressupostos teóricos da Análise de Discurso, traz à baila algumas reflexões sobre as relações entre sujeito, corpo e discurso. Propõe-se uma discussão acerca do corpo enquanto materialidade discursiva e objeto simbólico, configurando-se como uma superfície de inscrição que dá a ver o que é da ordem do sujeito e dos atravessamentos do exterior que o constitui, em especial no que tange ao indizível e ao inominável. Aponta-se para a relevância de considerar os efeitos das condições de produção contemporâneas nos discursos do/sobre o corpo, bem como sobre o lugar da imagem do corpo e ao que ela comumente se encarrega. Exemplos disso são a suspensão da exposição “Queermuseu” e as manifestações de sofrimento psíquico em relevo na atualidade, como as automutilações. Afirmando as possibilidades de os sentidos desdobrarem-se e deslizarem através do corpo, afirma-se a importância de problematizar o que o corpo e sua imagem põem em cena em seu estatuto discursivo.

Palavras-chave: *Corpo; Sujeito; Discurso; Análise de Discurso; Psicanálise.*

Abstract:

This article, enrolled in the theoretical assumptions of Discourse Analysis, brings to light some reflections about the relations between subject, body and discourse. The discussion here proposed it is about the body as a discursive materiality and symbolic object, configuring and setting itself as a surface of inscription that shows what it belongs in the order of the subject and the crossings of the exterior that constitutes it, especially in regard to the unspeakable and the nameless. The relevance of considering the effects of contemporary production conditions on the discourses of the body as well as on the place of the image of the body and what it is commonly handled is pointed out. Examples of this are the suspension of the exhibition "Queermuseu" and the manifestations of psychic suffering in the present day, such as self-mutilation. Affirming the possibilities of the senses unfolding and sliding through the body, one affirms the importance of problematizing what the body and its image put into the scene in its discursive status.

Keywords: *Body; Subject; Discourse; Discourse analysis; Psychoanalysis.*

¹ Doutoranda em Estudos Linguísticos, filiada à linha de pesquisa “língua, sujeito e história” do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFSM. Graduada em Psicologia (UFSM), Especialista em Psicoterapia Psicanalítica (ICPT-POA/RS), Mestre em Psicologia Clínica (UNISINOS). Contato: alinebjor@gmail.com.

Palavras iniciais

Este trabalho tem como proposta discutir questões atinentes ao corpo enquanto materialidade discursiva. Busca-se tecer algumas reflexões iniciais acerca da dimensão do insuportável e do indizível atrelados ao corpo, em especial naquilo que ele dá a ver acerca do sujeito, a partir de sua(s) imagem(s) e de suas manifestações sintomáticas na atualidade. Considera-se o corpo constituído por atravessamentos históricos, ideológicos e inconscientes, a partir dos quais o sujeito, em suas tomadas de posição, fala e é falado, produzindo sentidos e promovendo resistências.

A temática do corpo é trabalhada em diversos campos do saber, com diferentes gestos de interpretação, sendo, muitas vezes, compreendido em seu estatuto “concreto”, enquanto objeto manipulável ou espetacularizado: são estas concepções que se propõe desconstruir. Nesse viés, embasarão a discussão aqui proposta os pressupostos teóricos da Análise de Discurso e da Psicanálise.

A Análise de Discurso francesa concebe um corpo que não só “fala”, mas também “falha” e, nessa falha, enuncia, anuncia e denuncia algo do sujeito e de seu exterior constitutivo. A Psicanálise, desde seus primórdios, também promove um deslocamento no modo de olhar e escutar o corpo, rompendo com a ordem biológica-organicista e propondo um corpo que pulsa, que fala, que denuncia algo, que carrega um apelo ao outro, que clama por ser ouvido e lido através de seus sintomas e atos. Em suas dimensões do real, do simbólico e do imaginário, o corpo remete à matriz estrutural do sujeito e é situado enquanto uma materialidade discursiva. Diante disso, alguns questionamentos fazem-se pertinentes à discussão, são eles:

Que corpo é esse que habitamos? Que relações ele estabelece com o que é da ordem do Inconsciente e da Ideologia? Como pode ser compreendido o processo de assujeitamento dos corpos a determinadas condições de produção que engendram posições-sujeito? O que é da ordem do mais singular da relação do sujeito com o corpo? O que esse corpo suporta e a que se faz suporte? Que marcas, registros, traços, letras o constituem? De que ele padece? Como e a que ele resiste? O que ele dá a ver a partir de seus invólucros e de suas interioridades? Como o corpo veicula o que é do registro do insuportável e do indizível para o sujeito? As questões ainda são muitas e dizem de algumas das interrogações que se colocam no mote das discussões pertinentes ao corpo-linguagem e/ou ao corpo-discurso.

Sublinha-se, quando se trabalha com a temática do corpo, a importância dos “litorais” (COSTA, 2015), uma vez que, no litoral, as margens são impossíveis de serem delimitadas, sugerindo um movimento constante de inter-relação entre campos heterogêneos que se retroalimentam e que, ao se tangenciarem, produzem modificações no que veio antes, e os sentidos deslizam, alteram-se. Dada a complexidade do objeto de estudo em questão, Courtine (2008, p. 11) auxilia na sustentação dessa ideia quando afirma que “a história do corpo faz pouco caso das fronteiras, sejam elas nacionais ou disciplinares”.

Este trabalho vai perpassar um trajeto que tem início com a discussão sobre o lugar do corpo na constituição do sujeito, tomando o corpo enquanto seu exílio estrutural por excelência e enquanto materialidade na qual se inscrevem também suas tomadas de posição. A historicidade do corpo e os efeitos das condições de produção contemporâneas nos discursos do/sobre o corpo sustentarão este estudo, em especial considerando-se o incremento de manifestações sintomáticas via corpo (como, por exemplo, a produção de cortes corporais), e o *boom* na lógica das medicalizações. Por fim, discute-se a imagem do corpo e a que ela se empresta, em especial quando nos referimos às dimensões do estranho, do horror, do indizível e do insuportável que o corpo comporta, muitas vezes provocando um dissenso ao produzir novas formas do visível. Uma exemplificação disso é a suspensão da polêmica amostra de arte “Queermuseu”, cuja exposição foi alvo de manifestações de repúdio acerca do que tal amostra anuncia e/ou denuncia, o que ilustra o que temos pensado sobre o indizível que a imagem do corpo se encarrega de pôr em cena.

1. Corpo, sujeito e discurso

Falar de corpo é falar de sujeito e de sua constituição. Se a materialidade do discurso é a língua, a materialidade do sujeito é o corpo. “Trata-se do corpo que olha e que se expõe ao olhar do outro. O corpo intangível e o corpo que se deixa manipular. O corpo como lugar do visível e do invisível” (FERREIRA, 2013, p. 78). As postulações da Análise de Discurso e da Psicanálise inscrevem-se frisando o descolamento do corpo empírico, orgânico, tecnicista, o qual é comumente tomado por abordagens ortopédicas e utilitaristas.

A Análise de Discurso concebe o corpo enquanto objeto discursivo, que se constitui no e pelo discurso. Ou seja, o corpo desloca-se para o “lugar da opacidade, revelando-se como forma material que se constitui no-pelo olhar que o discurso

possibilita” (HASHIGUTI, 2007, p.02). Ou, ainda, trata-se do corpo “que se configura em torno de limites e se submete à irrupção da falta que lhe é constitutiva. Corpo da visibilidade e da invisibilidade, corpo que se deixa olhar e que se coloca na posição de quem olha” (FERREIRA, 2013, p. 128).

Freud ([1895] 2006), a partir de seus trabalhos sobre as pulsões, o narcisismo e a histeria, postula que o “eu” é, antes de tudo, corporal e que as pulsões situam-se na fronteira entre o psíquico e o somático. O corpo da histérica, considerando suas conversões, passa a ser desnaturalizado e lido enquanto um corpo que se recusa a obedecer, que denuncia as demandas da época e que expressa desejos inconscientes.

É por meio da leitura do Outro primordial (função materna²) que se dá a delimitação, os recortes, as marcações dos orifícios e bordas do corpo. É nesse ponto que o sujeito torna-se ser de linguagem, alienado ao que o outro devolve com seus (des)investimentos e “banhos” de linguagem. O espelho (sempre torcido) oferecido pelo outro marca o sujeito em sua constituição primária (FREUD [1914] 2006; LACAN [1949] 1998). O sexual veiculado no/pelo corpo é destacado por esses autores, e é o que lhe dá um estatuto antagônico por excelência. O fascínio e o horror atrelam-se, aí, ao caráter de estranhamento e de insuportabilidade associados ao corpo.

Trata-se, então, tendo em vista as teorias brevemente consideradas, de tomar o corpo enquanto atravessado e afetado pela historicidade, pela memória, pela ideologia e pelo inconsciente. Lugar de falha, furo, dispersão, traições, torções. “O corpo é tanto uma linguagem, como uma forma de subjetivação e, por isso mesmo, tem relação estreita com o discurso” (FERREIRA, 2013, p.77). Matriz e morada do sujeito, lugar de alienação e de resistência. Corpo que se empresta enquanto *slogan* da repressão, da libertação e da revolução (COURTINE, 2008). O que o corpo põe em cena quando “encena”?

Há aí, também, aspectos políticos imbricados. O corpo que domina e/ou é dominado, o que controla e/ou é controlado, o corpo medicalizado apropriado pelo discurso da ciência ou o corpo tratado pela religião, com seus saberes, muitas vezes, totalizantes e ditadores são exemplos disso.

² Tanto Freud quanto Lacan consideram a função materna como suporte fundamental para a estruturação do *infans*. O Outro primordial – encarnado por esta função – realiza uma antecipação imaginária do sujeito de desejo, oferta referências simbólicas que interferem na sustentação e recobrimento deste corpo inicialmente desprovido de sentido. É a partir dos significantes recolhidos no campo da alteridade, portanto, que o sujeito e seu corpo se constituem.

Orlandi (2017, p. 219) situa o corpo enquanto “edifício de um múltiplo”. Segundo a autora, ainda que haja uma coerção para que o corpo seja visto enquanto uno (ideia de identidade), enquanto um “duplo”, na vertente de uma imagem especular/refletida, trata-se de uma miragem cujo efeito é ideológico, já que sujeitos e corpos são sempre múltiplos, dispersos.

Nessa mesma direção, Foucault (2013, p.14) afirma que o corpo “não tem lugar, mas é de lá que se irradiam todos os lugares possíveis, reais ou utópicos”. O autor define o corpo enquanto uma “topia desapiedada, implacável”, um corpo utópico, que não se deixa esquecer, pois está sempre denunciando a sua presença, funcionando como uma espécie de “jaula”: “É através de suas grades que eu vou falar, olhar, ser visto. Meu corpo é o lugar irremediável a que estou condenado” (FOUCAULT, 2013, p.8).

2. A historicidade do corpo e os efeitos do contemporâneo nos discursos do/sobre o corpo

O corpo responde e reage às vicissitudes de sua época. Cabe considerar, portanto, a forma-sujeito-histórica capitalista que é regida pelo jurídico na relação com o que é da ordem do corpo, que não obedece, não sucumbe, resiste.

O corpo pode ser concebido enquanto lugar de visualização do sujeito e como lugar de memória: ele comparece como dispositivo que permite lançar luz acerca da historicidade e das condições de produção do sujeito. Hashiguti (2008, p.11) aborda o corpo enquanto matriz simbólica que produz sentidos, sendo significado em “processos complexos de memória que dizem respeito à subjetividade, à história, à sua espacialização”. A corporalidade produz-se na relação do sujeito com o outro, com o interdiscurso, com a ideologia. Há, portanto, todo um processo de construção imaginária dos corpos que constrói olhares e discursos acerca deles. Escapa-se, assim, a uma compreensão naturalizante de um corpo biológico, “apesar de assim nos parecer pela ilusão e pelo esquecimento que nos constitui no discurso. Eles são construídos pelo/no discurso, são representações desses corpos” (HASHIGUTI, 2008, p.33). São discursos como o médico, o antropológico, o sociológico, o estético, o religioso, e seus entrecruzamentos que vão especificando e situando aspectos como a normalidade, a perfeição, o “molde” ideal ao qual o corpo precisaria responder.

A partir do corpo desenvolve-se uma reflexão que questiona a própria estrutura e representações que circulam no cenário contemporâneo, seus modelos,

conceitos, as especificidades dos laços sociais etc. O corpo discursivizado não só se inscreve no contexto sociocultural e político circundante, mas também atende a uma certa estética normativa, embebida de preceitos ideológicos. Há um discurso do socialmente vigente que formata o corpo, sob a égide de um saber que se apoia em formações imaginárias acerca da saúde, da doença, do bem-estar etc.

Foucault (1987) e Courtine (2008) são autores que agregam a essa discussão, pois mobilizam em seus trabalhos o lugar ocupado pelo corpo ao longo do tempo – bem como as práticas disciplinares que historicamente regularam e ainda regem o corpo, produzindo sanções homogeneizantes que fabricam corpos dóceis, submetidos: “O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadriha, o desarticula e o recompõe” (FOUCAULT, 1987, p.119). Courtine (2008) também situa o corpo como lugar de intermináveis experimentações, explorações, bem como debate acerca do poder de normalização sobre os corpos.

A cultura visual de massa integra esse cenário em que o corpo é enaltecido. Ferreira (2015) refere que em nome de uma necessidade de um mundo “semanticamente normal”, produz-se uma domesticação e um controle do corpo. Exemplo disso é o “boom” dos procedimentos da medicina que podem (re)configurar o corpo. Assiste-se a uma invasão e apropriação sobre o corpo. Um corpo desnaturado, mutante, corpo como lugar de risco, superfície de desamparo. A autora faz uma crítica a esse excesso, que toma uma proporção de destruição. Um excesso que se transforma em falta.

Soma-se a isso a presença, na contemporaneidade, de um incremento de manifestações sintomáticas irrompidas no corpo. O corpo parece estar servindo de superfície representativa do mal-estar do sujeito. Mal-estar este que não cessa de se manifestar e que não podemos dissociar do mal-estar embutido nos laços sociais de hoje. Birman (2003) e Roudinesco (2000) são autores da Psicanálise que lançam questões acerca das manifestações sintomáticas que têm ganhado espaço atualmente, atreladas à valorização aos aspectos narcisistas em nossa cultura, vinculados à sociedade do espetáculo, individualista e do consumo vigentes, repercutindo na intensificação do desamparo do sujeito. Depressões, toxicomanias, transtornos alimentares, sintomas psicossomáticos, síndrome do pânico, *stress*, automutilações, são exemplos de situações clínicas muito presentes em que o corpo está em relevo. Tais manifestações respondem a que condições de produção? O que permite que isso esteja mais em cena hoje? São questões que nos interessam explorar.

Em “Dor e sofrimento num mundo sem mediação”, Birman (2003) discute a fragilidade e as quedas dos suportes simbólicos da sociedade e as consequências disso no modo em que o sofrimento se apresenta nos sujeitos, com um incremento de psicopatologias situadas no registro do corpo e da ação. O excesso de medicalização também é problematizado: “Nunca se consumiu tanto medicina e medicamentos como hoje, de forma tal que podemos dizer sem pestanejar, no que concerne à medicalização, que o céu é o limite” (BIRMAN, 2003, p.02). Roudinesco (2000, p. 09) faz uma crítica contundente a tal hipermedicalização e defende que precisamos “lutar contra as pretensões obscurantistas que almejam reduzir o pensamento a um neurônio ou confundir o desejo com uma secreção química”. A autora discute o incremento também de práticas místicas e religiosas que têm oferecido soluções mágicas para o mal-estar que atinge o sujeito e seu corpo.

O corpo, hoje, na sociedade ocidental, também é discursivizado como propriedade privada, assumindo a condição de liberdade e prazer a cargo de cada um. Esse “tom” dado ao corpo, liberando suas amarras, gêneros ou preferências sexuais, acaba tornando-o um espelho capaz de representar o valor do sujeito no mercado das trocas imaginárias, carregando uma valoração narcísica. Corpo que consome e que é consumido. A “gestão” dos corpos é discutida por Ana Godoy (2007, p. 05), que afirma que “o corpo é aprisionado em e para subjetividades pré-fabricadas”.

Diante disso, pode-se situar o corpo em seu estatuto significante, portador de uma verdade daquilo que insiste em se inscrever. As marcas e/ou manifestações no corpo são concebidas como materialidades significantes no discurso, que posicionam os sujeitos em lugares de fala, criando identificações e determinando sentidos. Traços e restos de histórias, memórias, não-ditos, que parecem se configurar enquanto letras no corpo, via sintoma. As marcas e cortes operados no corpo – sejam na dimensão de tatuagens, escarificações ou em situações mais extremas de automutilação – colocam em causa o sujeito que (se) marca e é marcado pela linguagem e pela ideologia. Memórias e historicidades fazem-se presentes nas entranhas do corpo, inscrevendo o que não cessa de não se inscrever – o inominável e indizível do sujeito, operando deslizamentos do dizer e promovendo movimentos de resistência via corpo. Baldini e Souza (2012, p.77) propõem que “nas inscrições na pele se faz furo no ideológico exatamente pela multivocidade do discurso do corpo: o discurso do Outro se mostra no corpo do sujeito, por meio de um texto pré-construído aquém e além”.

Baldini e Souza (2012, p.86) discutem como as marcações corporais indicam a tentativa de discursivizar o que é da ordem do real, “jogar com o sentido e o *non-*

sense, o assujeitamento e a revolta, a individuação e a resistência”. Ainda, pelo funcionamento do interdiscurso, tais marcas ou recortes no corpo aludem a vozes discursivas que ecoam sentidos. Assim, a incompletude estrutural do sujeito produz alguma espécie de sutura e, ao mesmo tempo, cicatriz, marca, traço. O recurso à produção de marcas corporais (ainda que seja necessário ser tomado no caso a caso) parece indicar uma tentativa de escrita de um corpo próprio, na direção de constituir uma borda (COSTA, 2015). Atos que dizem da inscrição do sujeito com o laço social. O que se mostra e o que se silencia via corpo convoca a um olhar e a uma escuta.

3. Corpo e o insuportável da imagem

A imagem do corpo “enquadra” uma cena que paradoxalmente enaltece e denuncia o seu exterior constitutivo. O corpo, assim, põe o discurso em ato e faz furo no que está logicamente estabelecido como evidente: imperativos, ideais, lógicas hegemônicas e universalizantes. O corpo, através de sua imagem, comumente dá a ver tudo o que se empresta enquanto abjeto/resto.

A dimensão do real faz-se notar via corpo e suas imagens “desordenadas”, caóticas, desfragmentadas, atrozes. Tais imagens tensionam os limites do suportável. A imagem configura-se como aquilo que diz algo, mas, ao mesmo tempo, também escapa. Há um jogo entre o que se pode apreender e o que resta inapreensível nas imagens. A imagem deseja, interpela e, ao mesmo tempo, a imagem “não fala”, ela é.

Rancièrè (2014) sublinha o caráter político das imagens. Para ele, a imagem “rasga” a representação, desmonta a cena, desmascara, denuncia uma realidade pela miragem de uma outra realidade. Diante do insuportável de acessar o real, a imagem faz barreira, baliza, produz uma certa mediação. Ainda ao tratar da distribuição do visível, Rancièrè (2014, p.144) postula que “uma imagem nunca está sozinha. Pertence a um dispositivo de visibilidade que regula o estatuto dos corpos representados e o tipo de atenção que merecem”.

O corpo, atrelado a essa discussão, empresta-se enquanto materialidade que veicula a dimensão do real, daquilo que escapa à nomeação, às palavras, ao simbólico. Assim, o corpo remete ao real da língua (a falha) e ao real do sujeito (o inconsciente). Nesse sentido, o real do corpo seria compreendido como o impossível, o que retorna, o que resiste a ser simbolizado (FERREIRA, 2013). “Corpo espacializado, falado, olhado, opaco, contraditório, impossível de ser apreendido discursivamente em uma totalidade lógica, tal qual a língua” (HASHIGUTI, 2007, p. 06).

Assim como “se fala *do* sujeito [...] e se fala *ao* sujeito, antes que ele possa dizer: ‘Eu falo’” (PÊCHEUX, [1982] 1996, p. 149), o corpo pode ser apreendido como o que também se mostra por essa via: tanto quanto o sujeito, o corpo é chamado a existir. E, nesse chamado, o corpo põe à mostra (predominantemente através de sua imagem) os seus excessos, as suas bordas, suas faltas, sua extimidade³ - numa torsão na concepção corriqueira do dentro e fora (extimo – íntimo).

Assim, a imagem do corpo, frequentemente veiculada pela mídia, pelas artes e pelo cinema, coloca em cena (“encena”) o que é da ordem do insuportável. Imagens que carregam, em suas formulações visuais, “metaforizações metonímicas” (LAGAZZI, 2017, p. 208). A imagem do corpo sofrido, cortado, recortado, fragmentado, adoecido, ou que se localiza na margem do que socialmente se estabelece como “ideal” traz à tona elementos que se referem à relação do sujeito com a alteridade. Lagazzi (2013) aponta que a textualização das imagens no corpo dizem da discursivização do social e dá a ver, na articulação entre metáforas e metonímias, as tensões contraditórias entre o sujeito e o seu exterior constitutivo. Na textualização dessas imagens, podemos ler desdobramentos, condensações, faltas que dizem das impressões nesses corpos do que circula nas demandas do corpo social mais amplo, ainda que isso não lhe seja transparente. É via imagem que se desdobram possibilidades do corpo movimentar-se fora dos lugares “hegemônicos”. Romper com uma estética normativa implica romper com uma ordem, com uma homogeneidade, causar estranhamento: dar a ver corpos não utilitários, que se distanciam da lógica da performance, do desempenho e do socialmente suportável e aceito.

Exemplo disso é a suspensão da amostra de arte ocorrida em 2017 – nomeada “Queermuseu: cartografias das diferenças na arte brasileira” – no espaço de exposições temporárias do Santander Cultural, em Porto Alegre-RS. A acusação por parte de críticos e grupos organizados foi de que algumas das 270 obras que abordavam questões de gênero e de diversidade sexual dessa amostra eram ofensivas, destacando que algumas representavam “blasfêmia” e faziam “apologia à zoofilia e pedofilia”, além de “ameaça e afronta aos bons costumes Sagrados”. O “demoníaco” aparece como referência, a partir de preceitos de um discurso religioso, higienista, purificador. Face a uma suposta “liberdade” que circula nos discursos sociais sobre o que é da ordem do corporal e do sexual, contradições como essa são vivenciadas. O que pode se oferecer à visibilidade e o que precisa manter-se invisível, inacessível? O

³ Êximo é um neologismo criado por Lacan para indicar a condição estrutural paradoxal do sujeito que lhe é mais íntima, mais singular, mas que está fora, no exterior.

que é da ordem do insuportável para aquém e além do discurso liberal e democrático vigente? Qual o lugar para a arte, campo por excelência de subversão dos moldes engessados ideológica e politicamente, naquilo que ela se propõe a enunciar/denunciar acerca da diversidade dos corpos e das sexualidades?

Baldini (2017) e Mariani (2017) trazem para discussão o intangível, o indizível e o insuportável que o corpo porta, isto é, a dimensão do encontro com aquilo que não tem inscrição na linguagem – o muro da linguagem, o real e o indizível no processo de constituição do sujeito. O que é dessa ordem se marca, mas não se diz (BALDINI, 2017). Corpo e estrangeiridade andam juntos. Os efeitos de estranheza e de perda do domínio do sujeito acompanham a relação com o corpo desde sempre.

Diante disso, resta ao sujeito buscar inscrever esse corpo (ou escrevê-lo). Aí se coloca a relação entre escrita e aquilo que é dado a ver, ali onde o sujeito não vê. Trata-se da tentativa de escritura do que se apresenta como um ponto inapreensível ao sujeito. Podemos pensar, aqui, nas produções de marcas corporais, uso excessivo de *piercings*, tatuagens, escarificações etc. como tentativas de construção de uma narrativa e de inscrição simbólica do sujeito, endereçadas a um outro (COSTA, 2005).

Algumas retomadas e conclusões (iniciais)

A relação produzida no imbricamento corpo-sujeito-discurso é, de fato, complexa, o que justifica o esforço teórico e metodológico aqui empreendido na busca por compreender um pouco mais sobre o que ela engendra. Os pressupostos teóricos e dispositivos interpretativos da Análise de Discurso e da Psicanálise aproximam-se em muitos aspectos ao trabalhar com o corpo – em especial ao desnaturalizá-lo e tomá-lo enquanto “faltante”, carregando algo do “real” inapreensível, atravessado por fatores inconscientes e que desdobra uma narrativa, uma historicidade, uma memória. O corpo é lido como “furado”, disperso, plural e constituído por atravessamentos inconscientes, ideológicos e políticos. O corpo marca a deriva do sujeito e a sua opacidade, materializando sua divisão constitutiva.

Concomitantemente íntimo/familiar e exterior/estrangeiro ao sujeito, o corpo empresta-se enquanto matriz simbólica que lança luz sobre o social, a cultura, o sujeito, a historicidade, a memória, a ideologia. O caráter que o corpo assume relaciona-se, em maior ou menor grau, com todos esses fatores. Assim, a heterogeneidade dos saberes sobre o corpo e do corpo precisa ser acolhida em suas contradições constitutivas.

Baldini (2010), ao distinguir corpo e organismo, aponta para o lugar do corpo como lócus de resistência. Do excesso de sentido à falta absoluta de sentido, o corpo padece, produz efeitos, grita, clama, se apaga, morre. O corpo carrega uma escritura/texto e uma amarração que diz do sujeito e de seu entorno.

Afirmando as possibilidades dos sentidos se desdobrarem e deslizarem via corpo, e enfatizando a necessidade de problematizar e reproblematicar os mecanismos implicados na construção das “evidências” acerca do corpo, renova-se a pergunta acerca da relação corpo - sujeito - discurso: O que o corpo enuncia, anuncia e denuncia ao pôr em cena o que é da ordem do indizível e do insuportável? Que posições-sujeito o corpo oferece à visibilidade, vinculadas às condições de produção e aos discursos e saberes hegemônicos e ideológicos que circulam na atualidade? Como produzir uma escrita de um corpo próprio, singular? É por essa via que se pretende seguir, bordeando o discurso do corpo e sobre o corpo.

Referências

BALDINI, L. O que se pode dizer do indizível? In: MARIANI, B.; MOREIRA, C.; DIAS, J.; BECK, M. (Org.). **Indizível, imperceptível e ininteligível – O sujeito contemporâneo e seus arquivos**. Niterói, RJ: Editora Eduff, p.71-82, 2017.

_____. Um pouco de possível, senão eu sufoco. Em: ROMÃO, L.M. e PACÍFICO, S. M. **Efeitos de leitura, sujeitos e sentidos em movimento**. Cidade: Alphabeta editora, 2010, p.57-66.

BALDINI, L. J. S.; SOUZA, L. L. Os sentidos tomando corpo. In: AZEVEDO, Aline Fernandes de. **Sujeito, corpo, sentidos**. Curitiba: Appris, 2012. p. 69-88.

BIRMAN, J. Dor e sofrimento num mundo sem mediação. In: **Estados Gerais da Psicanálise. II Encontro Mundial**. Rio de Janeiro, 2003. Disponível em <<http://docplayer.com.br/345150-Dor-e-sofrimento-num-mundo-sem-mediacao.html>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

COSTA. **Tatuagens e marcas corporais**. Rio de Janeiro: Casa do Psicólogo, 2005.

_____. **Litorais da Psicanálise**. São Paulo: Escuta, 2015.

COURTINE, J. J. Introdução. In: CORBIN, A.; COURTINE, J. ; VIGARELLO, G. (Org.). **História do corpo: as mutações do olhar: o século XX**. Petrópolis: Vozes, v. 3, p.7-12, 2008.

FERREIRA, M. C. O corpo como materialidade discursiva. **Revista Vitória da conquista**, v. 2, n. 1, p. 77-82, 2013.

_____. **Conferência sobre o corpo proferida no II Seminário Discurso, Cultura e Mídia (SEDISC)**. Unisul – Campus Grande Florianópolis – Unidade

Universitária Pedra Branca, 2015. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=SYydq3nEqA>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

FOUCAULT, M. **O Corpo Utópico; As Heterotopias**. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

_____. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Trad. Lígia M. Ponde Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREUD, S. Estudos sobre a histeria. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, v. II, [1895] 2006.

_____. Uma introdução sobre o narcisismo. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, v. XIV, [1914] 2006.

GODOY, A.; FERRAZ, J.; FERREIRA, J.; BELCHIOR, J. Experimentações estético-políticas: do corpo condenado ao corpo liberado, a vida como matéria ética. **Revista Alegrar**, n. 4, 2007. Disponível em:
<http://www.alegrar.com.br/04/textos_A_04/05_materia.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2018.

HASHIGUTI, S. T. **Corpo de memória**. 2008. Tese (doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.

_____. O corpo como materialidade do discurso. In: SEAD - Seminário de Estudos em Análise do Discurso, 3, 2007, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS, 2007. Disponível em:
<<http://anaisdosead.com.br/3SEAD/Simposios/SimoneHashiguti.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

LACAN, J. O estádio do espelho como formador das funções do eu. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, [1949] 1998.

_____. Literatorra. In: **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, [1971] 2003, p. 15-25.

LAGAZZI, S. O significante em metáfora no movimento metonímico da falta. In: MARIANI, B.; MOREIRA, C.; DIAS, J. e BECK, M. (Org.). **Indizível, imperceptível e ininteligível – O sujeito contemporâneo e seus arquivos**. Cidade: Editora Eduff, p.203-213, 2017.

_____. A imagem do corpo no foco da metáfora e da metonímia. **Vitória da Conquista**, v. 2, n. 1, p. 104-110, 2013.

MARIANI, B. (In)dizível, In(dizível), In(visível): Linguística, Análise de Discurso, Psicanálise. In: MARIANI, B.; MOREIRA, C.; DIAS, J.; BECK, M. (Org.). **Indizível, imperceptível e ininteligível – O sujeito contemporâneo e seus arquivos**. Niterói, RJ: Editora Eduff, p.31-47, 2017.

ORLANDI, E. P. **Eu, tu, ele – Discurso e real da história**. Campinas: Pontes, 2017.

PÊCHEUX, M. O mecanismo do desconhecimento ideológico. In: ZIZEK, S. **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, [1982] 1996.

RANCIÈRE, J. **O espectador emancipado**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

ROUDINESCO, E. **Por que a Psicanálise?** Rio de Janeiro: JZE, 2000.

Artigo recebido em: 25/04/2018

Aprovação final: 07/12/2018